

Hiper- política

*Anton
Jäger*

Uma análise sobre o fenómeno da politização extrema
sem consequências políticas

Obje-
tiva-
mente

ESTRAGON: *Não posso continuar assim.*

VLADIMIR: *Isso é o que tu pensas.*

— Samuel Beckett, *À espera de Godot**

Wall Street ganha todas as eleições.

Agora, também tu podes.

— *Slogan* da Kalshi, uma aplicação de apostas de eleições

* Samuel Beckett, *À espera de Godot*, José Maria Vieira Mendes (trad.), Lisboa, Cotovia, 2000. (N. do T.)

Índice

<i>Prefácio: Hiperpolítica, EUA</i>	11
1. Um sorriso sem gato	29
2. Putnam visto da esquerda	55
3. A década antipolítica	95
4. Vias de escape	125
<i>Agradecimentos</i>	147
<i>Notas</i>	149

Prefácio

Hiperpolítica, EUA

Numa travessia pela América de Reagan, que resultou num relato de viagem ao estilo de Tocqueville sobre «a única sociedade primitiva atual», Jean Baudrillard constatou um paradoxo atinente ao poder dos EUA no final da década de 1980. «Hoje, a América já não tem a mesma hegemonia»; no entanto, «é, de certo modo, incontestada, e incontestável». Pressagiando o momento unipolar que se seguiria, afirmou que «a potência americana não parece inspirada por um génio próprio», antes «funciona por inércia». Se originalmente os EUA possuíam os contornos do poder, estariam agora «na fase do *lifting*»? Ou estariam, pelo contrário, a entrar numa fase de histerese, o processo pelo qual uma coisa continua a desenvolver-se por meio da inércia, o que faz com que um efeito persista mesmo após o desaparecimento da sua causa? Para Baudrillard, esta era a verdadeira crise do poder americano: «uma estabilização potencial por inércia», «uma assunção de potência no vazio» bastante semelhante à «perda das defesas imunitárias num organismo superprotegido».¹

Baudrillard oferecia duas explicações para esta crise. A primeira consistia na ausência de adversários com que se pudesse contar. Os EUA tinham sido mais poderosos nas duas décadas que se seguiram a 1945, embora o mesmo se pudesse dizer das ideias e paixões que se haviam arregimentado

contra si: «Nada já se lhe opõe verdadeiramente, as margens ofensivas reabsorveram-se (China, Cuba, Vietname), a grande ideologia anticapitalista esvaziou-se da sua substância.» A segunda explicação era endógena — uma perda de dinamismo interior: «Mas ainda aí, se parece evidente que houve como que uma rutura de carga, ou uma rutura de encanto, da máquina americana, quem dirá se isso se deve a uma depressão, ou a uma sobreposição dos mecanismos?»²

Dada a situação política da América na década de 2020, o diagnóstico de Baudrillard afigura-se profético. Há agora inimigos em toda a parte — desde Teerão até Moscovo e Pequim, para não falar nos defensores aguerridos da Palestina no Líbano, no Iémen, na Síria e no Iraque —, contudo, para todos os efeitos, continua a faltar «génio». Embora o estatuto da América enquanto superpotência goze de uma segurança nominal — um império formal que se estende desde Okinawa até Guam, passando por Ramstein e Incirlik, um controlo incontestado sobre a moeda de reserva global, a indústria cultural mais influente e as forças armadas mais poderosas da história humana —, os custos da vacilante máquina norte-americana têm-se tornado bastante evidentes. Os vários remendos para a enfermidade — mão de obra barata globalizada, dívida familiar infindável — começaram a descoser-se em 2008. A ronda de concertos que se seguiu — flexibilização quantitativa, taxas de juro próximas de zero — fomentou uma crise habitacional, ao mesmo tempo que canalizou fundos para os monopólios tecnológicos e para os super-ricos.

Ao longo da última década, a situação política do país sofreu uma série de convulsões espetaculares que parece

ter resultado numa divergência cada vez maior entre os dois partidos e eleitorados. Apesar do domínio americano incomparável no palco mundial e de um contínuo magnetismo cultural, tem-se afigurado praticamente impossível aos democratas e aos republicanos coabitar o mesmo espaço político. Nas últimas disputas presidenciais, certos postulados cruciais para a democracia liberal — como a oposição legítima, a transição de poder pacífica, ou a continuidade constitucional — não tiveram quem os reclamasse. A mobilização extraparlamentar nas ruas e nos tribunais foi encorajada por quem se encontrava no topo da hierarquia; a resistência anti-Trump foi correspondida pelos invasores do Capitólio no 6 de Janeiro; a acumulação de processos legais contra o quadragésimo quinto presidente, pelas acusações contra o filho desgraçado do quadragésimo sexto. A «estabilização potencial por inércia» erodiu a capacidade da elite norte-americana de comprar o consentimento do povo — e uns dos outros.

Desde a eleição de Andrew Jackson, em 1828, na primeira votação presidencial direta — após a qual se permitiu ao Colégio Eleitoral organizar uma patuscada na Sala Oval —, a política norte-americana tem sido marcada por um misto de populismo e plutocracia. Em 2024, exibiu-se com orgulho uma versão desta amálgama em estilo moderno tardio, embora guarneçada de um laivo de paranoia que estivera ausente nos ciclos presidenciais anteriores e obscurecida por uma sensação de que os EUA têm vindo a perder progressivamente o controlo sobre a situação política nacional e internacional, simbolizada por um chefe de Estado cuja capacidade mental se tornava agora objeto de conjectura.

As eleições de 2024 contribuíram com a sua própria perpetuação da turbulência. Presidindo a uma economia inflacionista que vinha lentamente a arrefecer e uma ordem internacional a rebentar pelas costuras, os democratas de Harris e Biden procuraram consolidar um bloco transversal a fim de estabilizarem o seu controlo sobre o poder norte-americano na próxima década e de encaminharem a economia mundial para uma transição ecológica. Entretanto, o GOP* aquiesceu completamente à sua deriva bonapartista: um partido ocado, mais cartel de negócios do que organização de massas, foi colonizado por trumpistas que se preparavam com alarido para uma mudança de regime. As convenções partidárias foram exhibições: lutadores da WWE e estrelas de música *country* a jurarem proteger fisicamente o seu candidato na Convenção Nacional do Partido Republicano, *rappers* da Geórgia em contagens decrescentes para anúncios estatais na Convenção Nacional do Partido Democrata; rapazes de repúblicas universitárias do Sun Belt† para Trump, poetisas Ivy League para Harris.

A anatomia social dos dois partidos reflete as tensões estruturais da política económica americana na década de 2010, presa entre os supostos imperativos da reindustrialização ecológica e os da produção de combustíveis fósseis *on* e *offshore*, entre a luta contra a inflação e a exigência contínua de que o dólar permanecesse o bem mais seguro do mundo. Em torno deste complexo, aglutinaram-se dois

* Sigla referente à denominação alternativa do partido republicano, «*Grand Old Party*». (N. do T.)

† Região dos EUA, composta por quinze Estados do Sul, que se estende desde a Virgínia até ao Nevada e à Califórnia (N. do T.)

blocos. Por um lado, reuniu-se à volta de Trump e dos seus sequazes uma coligação transclassista e intensiva em carbono, maioritariamente purgada dos baluartes neoconservadores do GOP, que trocou os conservadores suburbanos pelos operários da periferia, a par da pequena-burguesia rural, dos quadros médios exurbanos, dos capitalistas do imobiliário, dos comerciantes de criptomoedas, da ala direita de Silicon Valley e dos produtores de aço que sobreviveram à ofensiva *laissez-faire* da década de 1980. Em contraste com a coligação de Reagan, a de Trump é desprovida de licenciados brancos, assentando antes em eleitores brancos sem instrução universitária.³ Beneficia em grande medida dos traços antimaioria da Constituição dos EUA e depende da supressão, tanto formal como informal, de eleitores para o seu mandato. A sua capacidade de mobilização foi amparada por um magnata da tecnologia à laia de Ford que até há pouco tempo esperava servir-se de Trump para obter acesso a fundos do Estado, ao passo que alguns líderes trabalhistas têm vindo a aproximar-se de uma direita recém-revisionista no seio do partido, supostamente interessada em esquemas de cogestão e em negociar salários coletivos.

Do outro lado, está um Partido Democrata abrangente que parece ter redefinido a própria noção de uma coligação «interclasses». Sociologicamente, o DNC* conta agora com profissionais urbanos, ativistas da esquerda liberal, veteranos

* No caso, sigla de «*Democratic National Committee*» (em português: «Comité Nacional do Partido Democrata»). A sigla «DNC» serve para designar tanto o comité como a convenção do Partido Democrata. O seu uso nesta tradução ficará reservado à designação do comité. (N. do T.)

dos direitos civis, agentes de informação e todas as fações do capital americano, desde «progressistas» de Palo Alto até à *haute finance* de Wall Street. Um visitante da Convenção Nacional do Partido Democrata, em Chicago, notou que este serve agora, simultaneamente, de partido do trabalho e do capital, de partido dos endividados e dos banqueiros, de partido que goza com a Ivy League, mas é gerido sobretudo por Ivy Leaguers, de partido dos antimonopolistas e de Silicon Valley, de partido pelos imigrantes e pela segurança nas fronteiras, de partido dos integrados e dos marginalizados, de partido da equipa de futebol e da sororidade, de partido da família e da liberdade, de partido dos cessar-fogos e da máquina de guerra, de partido que se opõe ao fascismo, mas encoraja um genocídio.⁴ Contudo, esta imparcialidade carece de correção: nos círculos de poder do Partido Democrata, predominam os banqueiros e os belicistas; nas suas fileiras, os endividados e os marginalizados. Talvez a comparação mais próxima seja a de um bloco de desenvolvimento peronista invertido, no qual o proletariado industrial é posto de parte e o capital financeiro tem mão firme nas rédeas da sua contraparte manufatureira.

Prima facie, a cena política norte-americana atual apresenta um contraste vincado com os ciclos de quiescência da década de 1990 e do início dos anos 2000. Nessa altura, a celeuma jornalística em torno de escândalos sexuais e fraudes eleitorais eclipsava a crescente retirada da vida pública a que o povo norte-americano se começara a entregar. Nas eleições presidenciais de 1996, a participação caiu para os 49% entre a população em idade de voto. Três anos depois, enquanto Clinton presenteava John Rawls com uma medalha

presidencial, louvando-o como «possivelmente o maior filósofo político do século xx», alguém que tinha «ajudado a restaurar a fé na democracia junto de toda uma geração de norte-americanos instruídos», a desmobilização popular atingia níveis reminiscentes dos primeiros tempos de Jim Crow e da Era Progressista.⁵ Agora, porém, as associações laborais e comunitárias dissolviam-se no ácido da desindustrialização e da lógica de mercado triunfal. Sendo sempre representativo de uma competitividade imperfeita entre partidos, o duopólio americano estava a tornar-se, com efeito, um exemplo de *não* competição. O povo semissoberano, como o cientista político Elmer Schattschneider outrora o designara, volvia-se cada vez mais não soberano.⁶ Em condições de convergência, só as guerras culturais proporcionavam um simulacro de rivalidade.

Esta quietude pós-política continuou no início do século xxi. Como Perry Anderson observou numa reflexão acerca das eleições de 2000, a ilusão de escolha entre candidatos presidenciais escamoteou a rigidez do consenso subjacente à disputa. A derrota de Gore nas eleições presidenciais tinha «previsivelmente dado azo à lenda partidária que a representava como um roubo da vontade popular sem precedentes, acarretando um regime das mais graves consequências sociais e políticas». No entanto, para Anderson, havia «todas as razões para adotar um ponto de vista tranquilo e cético em relação a ambas as vindicações». «O fosso entre Gore e Bush», no fim de contas, «era modesto», ao passo que uma certa «esquerda que adotou [o mito] se expôs como uma dependência amedrontada da instituição do Partido Democrata», incapaz de pensar além da norma bipartidária.⁷ Como Anderson reiterou nas vésperas da eleição de

Obama, «o conflito partidário e a tensão ideológica estão agora muito mais intensos [nos EUA] do que na Europa», não devido a um crescente conflito social, mas ao «sistema de valores norte-americano esquizofrênico — uma cultura que combina a comercialização mais desenfreada da vida com a sua sacralização mais devota: “liberal” e “conservadora” em pontos igualmente extremos», sem «praticamente nenhuma relevância no que diz respeito à oposição ao capital». ⁸

Um breve quarto de século depois, algumas coordenadas do retrato feito por Anderson afiguram-se explicitamente desatualizadas. Com as consequências da crise financeira a constituírem um claro ponto de viragem, os protestos nos câmpus universitários e nas ruas têm vindo a aumentar de forma espetacular. A participação eleitoral também tem crescido. Em novembro de 2008, com Wall Street por um fio, atingiu os 61,6% da população elegível para votar. Em 2020, chegou aos 66%, a percentagem mais elevada de norte-americanos a votar numa presidenciais desde 1900, baixando ligeiramente em 2024 para os 64%, a segunda mais alta em mais de um século. ⁹

As emoções políticas têm-se tornado não só mais exaltadas, como tenazes. Em comparação com a velocidade com que serenou o alvoroço causado pela decisão do Supremo Tribunal a favor de Bush Jr. relativamente à recontagem dos votos na Florida, em 2000, os supostos exemplos de retrocesso democrático — quer por parte da direita, quer da esquerda — são hoje objeto de contínua indignação. Outra unidade de medida de sentimentos à flor da pele: a frequência de tentativas de assassinio presidencial nesta última temporada já ultrapassou a de todas as campanhas das últimas

quatro décadas. Houve três no final do século XIX — Lincoln em 1865, Garfield em 1881, McKinley em 1901 —, às quais se seguiram a de Kennedy, sessenta anos mais tarde, e o disparo falhado contra Reagan, em 1981, a última de que havia registo até 2024. Até agora, ocorreram dois atentados à vida de Trump, uma clara indicação das opções de escolha que os cidadãos norte-americanos anteveem para as próximas eleições. Polarizada, paranoica, um jogo em que ninguém ganha, a vida política norte-americana está agora à frente de grande parte da Europa quanto a registo de votos e envolvimento popular, assim como no sectarismo cultural. Já não se pode tomar como garantido o consentimento com a ordem norte-americana predominante.

Todavia, noutros aspetos importantes, o essencial da análise de Anderson sobreviveu à passagem do tempo. Salvo umas ligeiras inflexões modais, ambos os partidos continuam comprometidos com a preservação do hiperpoder norte-americano no estrangeiro. As oferendas políticas continuam a ser caracterizadas por vários tipos de mercadização: do lado dos democratas, uma redistribuição da riqueza que estimule o investimento ecológico através de subsídios e garantias de lucro; do lado dos republicanos, barreiras alfandegárias e cortes nos impostos. O termo «partido» talvez seja demasiado lisonjeiro para estas panelinhas informais de titulares de cargos eleitos, financiadores, assessores de comunicação e aspirantes a candidatos sem quaisquer modelos formais de filiação e pouca ou nenhuma estrutura na sociedade civil, com exceção do pessoal das ONG. Ao invés, o GOP e o DNC compreendem-se melhor enquanto veículos paraestatais que mudaram muito pouco desde que Engels os descreveu, em 1891:

Em parte alguma os «políticos» formam um destacamento da nação mais separado e mais poderoso do que precisamente na América do Norte. Ali, cada um dos dois grandes partidos aos quais cabe alternadamente a dominação é ele próprio governado por pessoas que fazem da política um negócio [...] E, não obstante, temos ali dois grandes bandos de especuladores políticos que, revezando-se, tomam conta do poder de Estado e o exploram com os meios mais corruptos para os fins mais corruptos [...].¹⁰

Entretanto, após uma década de agitação política, os níveis de filiação cívica e densidade associativa que caracterizaram a era da política de massas praticamente não recuperaram dos nadires históricos em que caíram na década de 1990. Para os movimentos sociais incipientes que operam em economias de serviços impulsionadas pela dívida, as solidariedades do mundo *online* não deixam de ser um substituto insuficiente para as da sua comunidade e do seu local de trabalho.

Como se previa, esta situação deu azo a uma ronda frenética de analogização histórica por parte da *intelligentsia* das grandes cidades do litoral. Para os analistas, os Estados Unidos estão a passar pelo seu momento Weimar, a regressar à Era Dourada, a remontar ao início da época de Nixon, ou a reviver as Guerras Religiosas do Velho Mundo. Poder-se-ão filtrar aqui algumas vertentes hermenêuticas dominantes. Desde o *éclat* de Trump, em 2016, uma multidão de historiadores e intelectuais de segunda categoria têm profetizado a respeito da tendência fascizante do país. Histórias de residentes aterrorizados no Ohio, um aumento da atividade paramilitar e uma retórica de exterminação costumam compor

o argumento em causa, com os Proud Boys a figurarem um regresso da militância dos Freikorps e uma facção partidária dedicada ao Projeto 2025. Deste ponto de vista, o trumpismo apresenta-se como uma iteração contemporânea de uma ameaça de extrema-direita originária do século passado.

A comparação carece obviamente de acutilância em várias frentes. Sobretudo, suprime um dos elementos principais de qualquer ameaça de extrema-direita do século xx: a presença de uma esquerda à beira de um progresso revolucionário. Mesmo nas análises mais convencionais que foram propostas durante o Terceiro Período, o fascismo tinha de ser entendido com base numa dualidade temporal: uma inabilidade por parte das classes burguesas de estabilizar a sua dominância a seguir à Grande Guerra, e um proletariado cada vez mais assertivo a disputar o poder do Estado. Presas neste limbo, as elites dominantes convidaram os partidos de veteranos frustrados a intervirem com o objetivo de resolver o impasse, acabando com a ameaça anticapitalista. O fascismo expressava tanto a resolução como a repressão do *intermezzo* revolucionário. Nenhuma destas características se aplica ao caso americano contemporâneo. O que produz então a heurística fascista? Em retrospectiva, a sua consequência principal consistiu em levar a esquerda descontente a apoiar o mal menor dos seus mestres capitalistas — como se os crimes de Biden se desvanecessem perante os não tão dissemelhantes de Trump.

Uma analogia mais elucidativa é a sugestão de que os EUA estão a experienciar uma «segunda Era Dourada».¹¹ Neste aspeto, há algumas semelhanças a apontar. Na primeira Era Dourada, a polarização partidária prevaleceu sobre uma economia extremamente desigual durante a Segunda Revolução Industrial. Ao ser reeleito, Trump lançou-se a impor «tarifas

ao estilo de McKinley», na esperança de proteger o sector do aço contra a sobrecapacidade global, ao mesmo tempo que tem vindo a ter lugar uma procura indireta pela desvalorização do dólar. No final do século XIX, uma insurgência populista vinda de fora do partido conduziu-o numa direcção diferente com o objetivo de flexibilizar o financiamento. Então, como agora, os democratas eram considerados uma coligação predominantemente inflacionista, a favor de um corte com o padrão-ouro repressivo, ao passo que os republicanos se destacavam como um bloco deflacionário, decidido a preservar a trajetória de desenvolvimento industrial da nação.

Também aí depressa se acabam as analogias. Ao invés de uma organização digital com atores vagamente coordenados, o populismo nasceu de um movimento agrário cooperativo que já se enraizara ao longo das regiões do Sul e do Midwest, o qual só foi cooptado pelos democratas do sistema após um longo período de latência. Este campesinato fronteiriço procurou lançar-se na modernidade empresarial. Tratava-se de uma era de crescimento, não de estagnação, para o poder americano. A produção de aço dos EUA já ultrapassara a do Reino Unido na década de 1890. A imigração em massa atingia níveis nunca antes vistos. A máquina, como diria Baudrillard, estava só a aquecer.

A situação contemporânea afigura-se, assim, um híbrido recalcitrante, difícil de relacionar com exemplos históricos. Por um lado, o envolvimento popular na política americana tem visto um relativo ressurgimento em comparação com a desmobilização da década de 1990 e do início dos anos 2000. Por outro, o envolvimento institucionalizado atingiu o ponto mais baixo de sempre, ao mesmo tempo que os partidos

norte-americanos se têm limitado a cartelizar e a fundir ainda mais com as suas classes mediáticas e financiadoras.

Ao longo da última «década de protestos», o declínio secular nas organizações associativas norte-americanas também acelerou. Sindicatos, clubes, associações, partidos políticos, até igrejas — incrivelmente, tendo em conta a vida americana — têm perdido membros, uma perda exacerbada pelo aparecimento de um novo circuito mediático digital e de leis laborais cada vez mais restritivas e acelerada pela «epidemia da solidão» que metastizou a partir da epidemia literal de 2020. O resultado é uma recuperação que assume a curiosa forma de um K: ao passo que a erosão da vida cívica norte-americana prossegue com grande velocidade, a esfera pública do país encontra-se cada vez mais sujeita a uma agitação convulsiva e a controvérsia, desde teorias da conspiração *online* à invasão de edifícios do Governo. O descontentamento está em alta e vai alimentando as emoções políticas: a raiva dirigida ao racismo policial ou à violência sionista — aos crimes cometidos por imigrantes ou aos balões meteorológicos chineses — é extravasante.

O resultado é uma preponderância das «guerras de movimento» das redes sociais sobre as «guerras de posição» que fomentam a institucionalização, sendo as formas primárias de envolvimento político tão fugazes como transações de mercado. É uma questão de necessidade mais do que de escolha: o ambiente legislativo permanece hostil à formação de movimentos duradouros, e os ativistas norte-americanos têm de se haver com uma paisagem social viciada e uma indústria cultural com um ritmo de expansão sem precedentes.

Subjacentes a semelhantes constrangimentos estruturais, há questões de estratégia. Embora a Internet tenha vindo

a reduzir radicalmente os custos da expressão política, tem também pulverizado o terreno da política radical, esbatendo os limites entre partido e sociedade e dando origem a um caos de atores *online* vagamente mandatados. Aquilo a que Hobsbawm chamou «regateio coletivo via motim» continua a ser preferível à apatia pós-partidária.¹² Porém, na ausência de partidos com filiação formal, é improvável que a política de protesto norte-americana nos faça remontar aos anos superpolíticos da década de 1930. Ao invés, poderá dar azo a versões pós-modernas das revoltas camponesas do *ancien régime*: oscilações entre passividade e atividade, acompanhando os ciclos mediáticos presidenciais, sem nunca reduzir o desequilíbrio geral de poder no seio da sociedade. Daí a recuperação divergente típica da década de 2020, que é distinta das paisagens do final do século xx retratadas por Anderson e Baudrillard.

A longa década de protestos que teve início após a crise financeira de 2008 poderá, pois, ser mais corretamente entendida não como uma ofensiva bem-sucedida contra a cidadela de Washington por parte da base da hierarquia, mas como uma mutação dos métodos de gestão das relações entre as elites e as massas. A solução para a crise de 2008, que viu as instituições financeiras demasiado alavancadas — inflacionando a bolsa e os preços dos ativos —, aumentou ainda mais a distância entre o topo e a base da hierarquia no seio da política norte-americana, como fizera com as frações de capital. No entanto, não enviou o gradiente social, e a supervisão popular do aparelho governamental continua fraca.

Este é o tabuleiro onde se tem jogado a nova vaga política. A esfera pública da superpotência mundial foi reocupada; porém, este acesso de repolitização não tem resultado

num maior controlo do Governo por parte da população, nem tornado mais alcançáveis áreas legislativas importantes. A espantosa disparidade entre *input* e *output*, que os cientistas políticos norte-americanos tinham diagnosticado havia muito — a correlação negativa entre o apoio da população a uma proposta (a Medicare, por exemplo) e a probabilidade de esta ser implementada —, não tem senão aumentado, como se vê pelo histórico Biden-Harris.¹³ Atirar dinheiro para a descalibrada máquina americana — oito biliões de dólares na era Trump I, outros seis na de Biden —, em conjunto com as guerras por procuração e um *reshoring** («uma política externa para a classe média»), produziu um surto frenético que viu os salários reais a quedarem-se muito atrás dos preços da comida, do combustível e da habitação, com os ganhos do crescimento do PIB a irem, de forma desproporcional, para os 20% mais ricos. Dois terços dos lares norte-americanos afirmaram viver de salário em salário, ao passo que 57% achou os custos de empréstimo mais elevados sob o mandato de Biden particularmente difíceis de suportar.¹⁴

Por trás da atual conjuntura, escondem-se questões com que os intelectuais norte-americanos de esquerda estavam mais dispostos a lidar na década de 2010, quando os debates acerca de partidos alternativos, *dirty breaks*[†], ou fações eleitorais de esquerda tinham uma relevância constante.

* Relocalização dos postos de produção de uma empresa de volta para o seu país de origem. (N. do T.)

† Estratégia utilizada por partidos alternativos nos EUA, que consiste em disputar as eleições primárias no seio de um dos dois principais partidos a fim de reunir forças com vista à emancipação do jugo bipartidário. (N. do T.)

Hoje, pouco resta ainda a este respeito no radar mental da esquerda. Como notou Tim Barker, as figuras de proa do progressismo americano têm mantido uma relação altamente edipiana com os democratas. Por um lado, é de alguma forma o único partido sobre o qual recai a responsabilidade de uma resolução quanto à campanha punitiva e genocida por parte de Israel, por outro, há muito que tem vindo a servir de instituição sagrada da elite sionista e do Estado securitário da Guerra Fria.¹⁵ Ironicamente, as investidas extrapartidárias da década de 2010 resultaram no fortalecimento do DNC enquanto horizonte da esquerda americana. As emoções políticas exaltadas podem também ser apropriadas por cartéis políticos.¹⁶ Após uma década de experiências com uma atividade partidária semi-independente, o principal vestígio da vaga populista norte-americana de esquerda é um Esquadrão* que se vê a si mesmo como um batalhão que anseia por um Partido Democrata melhor.

O desfecho não é necessariamente disfuncional para a ordem governante do país. Aquilo que pressagia para o futuro próximo é mais do mesmo, provavelmente: desafios extraparlamentares, contestação legal, emoção política exaltada — e, tal como acontecia no mandato de Biden, a promulgação de uma agenda bipartidária capaz de passar num Congresso bloqueado. Internacionalmente, isto significa mais apoio material e cobertura legal para o expansionismo israelita e uma guerra por procuração contra o Irão, bem como uma postura agressiva em relação à China e uma guerra por

* O Esquadrão, ou *Squad* em inglês, é uma facção da ala mais à esquerda no seio do conjunto de deputados democratas presente na Câmara dos Representantes. (N. do T.)

procuração contra a Rússia, ambas sustidas com um grau de ambivalência vagamente bipartidário. No âmbito interno, sugere uma política agressiva-permissiva permanente na fronteira sul dos EUA, tensões contínuas em torno de medidas estatais relacionadas com o aborto, mais ajustes ao código tributário e reviravoltas recorrentes em relação às tarifas. A histerese *à la* Baudrillard poderá prosseguir durante muito tempo ainda.



Wolfgang Tillmans, *Love (hands in hair)*, 1989
Cortesia de Galerie Buchholz

1.

Um sorriso sem gato

As fotografias revestem-se de um tom brilhante, quase fluorescente. O tema que as une é o «amor». Por exemplo, num retrato intitulado *Love (hands in hair)* [Amor (mãos no cabelo)], uma mulher de cabelo avermelhado é agarrada por um par de mãos masculinas vindas de fora do enquadramento. Em *Love (hands praying)* [Amor (mãos a rezar)] uma mulher de olhos fechados medita no anonimato da discoteca. As pessoas nas fotografias dançam ao som de música modelada a partir de ruídos emitidos pela maquinaria industrial de Detroit e Manchester, as duas cidades-berço do tecno.

Em 1989, porém — o ano em que estas fotografias foram tiradas —, as fábricas já tinham caído no silêncio. Muitas tinham sido desmanteladas, algumas haviam sido realocizadas no estrangeiro. Anos mais tarde, estando de passagem por uma megacidade chinesa, a fotógrafa alemã Hilla Becher reparou numa réplica reconstruída de uma fábrica siderúrgica que outrora fotografara na Europa.¹ Por meio da dança, os jovens fotografados por Wolfgang Tillmans procuram expurgar-se da indústria, da política, da própria História.

É de notar o tempo e o espaço das fotografias de Tillmans. Documentam as cidades de Londres na era de Thatcher e de Berlim por altura da queda do Muro. A leste, o socialismo estatal está à beira do colapso. Um capitalismo rigorosamente

global está em ascensão. No mesmo ano em que Francis Fukuyama anuncia o «fim da História», a câmara de Tillmans regista um exercício deliberado de amnésia coletiva: uma tentativa de exorcizar os fantasmas ideológicos do último século. Como recorda numa entrevista:

Vivermos juntos podia ser assim: estarmos juntos em paz, a desfrutar dos sentidos. A mim, parecia-me uma coisa muito tangível e inerentemente política [...] De repente, toda a gente sentia que havia esta utopia real, e que nos era dado viver, de facto, o sonho utópico.²

O testemunho do fotógrafo evoca um estado de espírito palpável no mundo da OCDE. Num prefácio à reedição de 1992 da sua *Sociedade do espectáculo*, o filósofo francês Guy Debord antecipou um planeta «oficialmente unificado» como «um único bloco na organização consensual do mercado global».³ Dois anos depois, o antigo líder do Partido Comunista de Itália Achille Occhetto viajou até Wall Street, declarando que os seus bancos eram «o templo da civilização». Quanto à sede da NATO, em Bruxelas, afirmou que era «o centro da paz mundial».⁴ Como observou um historiador norte-americano, a política na década de 1990 «afigurava-se tão satisfatória que o país podia ocupar-se com a questão premente de saber se a suposta gratificação genital do seu presidente por parte de uma estagiária da Casa Branca constituía “sexo” ou não».⁵

No final da década de 2010, o mundo de Tillmans parecia diferente a um ponto inquietante. Tillmans começara a fotografar protestos do movimento Black Lives Matter e campos

de refugiados. A sua página de Instagram enchera-se de bandeiras europeias e excertos de discursos de protesto — imagens cinzentas, monocromáticas, bastante distintas da paleta variegada da série *Love*. Tillmans chegou mesmo a estar envolvido na política *mainstream*, desenhando uma série de pósteres em 2016 para a campanha *Remain*, que visava salvaguardar a pertença do Reino Unido à União Europeia. «Nenhum homem é uma ilha. Nenhum país por si próprio.» «Aquilo que se perde perde-se para sempre.» «A questão é onde sentes que pertences. Nós somos a família europeia.» Os *slogans* surgem sobre um fundo celestial, imagens do céu vistas de uma janela de avião. À distância, parecem versões digitais dos quadros de Caspar David Friedrich.

As expectativas de 1989 caíram por terra: Trump foi eleito no mesmo ano em que o Reino Unido votou para sair da União Europeia. As paisagens que Tillmans teria visto outrora nos seus voos até Manchester estão a ser vedadas; têm-se erguido barreiras por toda a Europa. Os seus cartazes não foram capazes de salvaguardar o mundo que primeiro se lhe deparara na adolescência, quando visitou a Inglaterra no início dos anos 1980. «Claro que não durou, como é costume», recorda.

Podemos perdoar-lhe o tom melancólico. Uma nostalgia assoberbante pela pós-História apoderara-se do fotógrafo. Uma utopia de quarenta anos estava em vias de se desintegrar, e ele respondeu com referências da década de 1990 — figuras de empatia, união, amor. Isto era «arte depois do liberalismo», como disse um crítico.⁶ Nesse aspeto, Tillmans revelou-se uma criança típica da era pós-revolucionária. Como Baudrillard notou em 1994, «a dissidência dos direitos humanos, o antirracismo, o SOS-isto, o SOS-aquilo» eram

«ideologias brandas, fáceis, ideologias *post coitum historicum*, ideologias “pós-orgia” para uma geração descontraída que nunca conhecera ideologias duras nem filosofias radicais». ⁷ O contraste com um século xx politicamente sobrecarregado era impressionante, segundo Baudrillard. A geração que cresceu depois da queda do Muro tinha

redescoberto o altruísmo, a convivência, a caridade internacional e o sofrimento individual. Ondas de emoção, solidariedade, emotividade cosmopolita, *pathos* multimédia: tudo valores moles, severamente condenados pela era nietzschiana/marxo-freudiana... Uma nova geração, uma geração de filhos mimados da crise, ao passo que a anterior fora a dos filhos amaldiçoados da História. ⁸

Nas imagens de Tillmans dos protestos do movimento Black Lives Matter e das greves escolares pelo clima, Baudrillard talvez reconhecesse o mesmo pendor para a emotividade, uma ânsia pelo «reencantamento do quotidiano», nas palavras de um repórter. ⁹ Embora declaradamente política, a sua arte retinha um ar de desprendimento estético, suspensão de forma algo constrangedora entre o romantismo e a militância.

A ambivalência de Tillmans tinha também um motivo histórico. Uma espécie de política regressou, *de facto*, ao Ocidente após a crise financeira de 2008, encontrando-se em fenómenos que vão desde o Occupy ao Tea Party, de Bernie Sanders a Trump. Estes desenvolvimentos forçaram o artista a confrontar-se, na expressão de outra crítica, com «a fragilidade do consenso político do qual depend[ia] a sua utopia pessoal». ¹⁰

O que acontece quando a política
está em todo o lado, mas tudo
parece ficar na mesma?

Revisitando as ilusões da era pós-política que se seguiu ao fim da Guerra Fria, evidenciam-se os contornos da estranha vida pública contemporânea, construída em torno de protestos, indignações virais, guerras culturais e um sem-fim de causas que nascem e se eclipsam da noite para o dia. Tal desfile de urgências morais implementou-se, por sua vez, sobre as ruínas da antiga infraestrutura de partidos, sindicatos e solidariedade cívica, hoje categoricamente esvaziada.

Ao paradoxo das ondas de entusiasmo popular que raramente resultam em movimentos coletivos, da politização extrema que nunca se traduz em ações políticas concretas, Anton Jäger chamou «hiperpolítica».

De Guy Debord e Wolfgang Tillmans às ficções desencantadas de Houellebecq, *Hiperpolítica* explora a fragmentação da ação coletiva e a fragilidade do tecido social para tentar compreender como uma época tão moralmente exigente é, ao mesmo tempo, tão inconsequente. Um mapa essencial para navegar as novas contradições da atualidade e um guia para a criação de uma politização que produza frutos duradouros.

Objetivamente é uma coleção Penguin.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

   penguinlivros

ISBN: 978-989-589-696-7



9 789895 896967